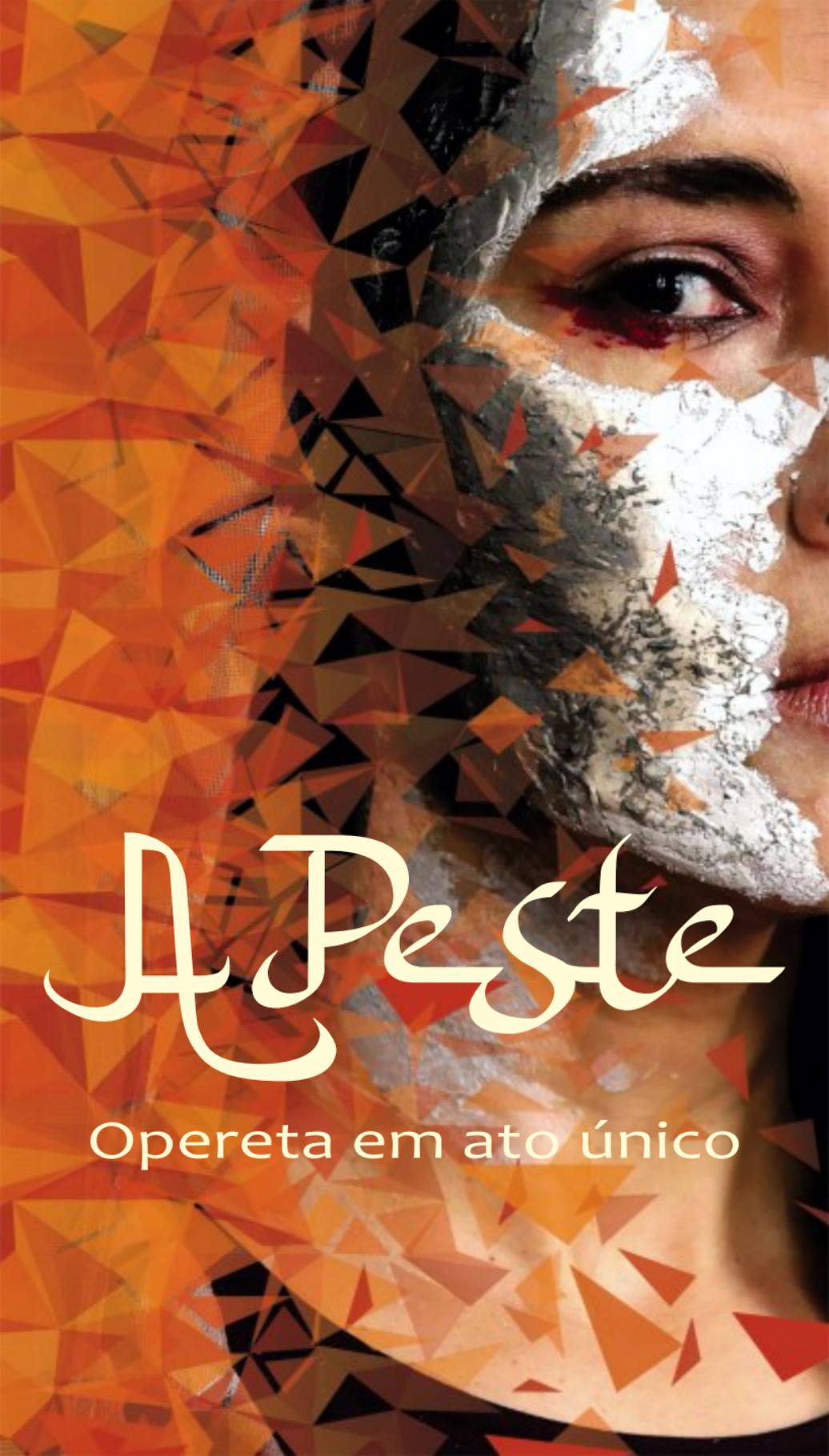


Governo Federal,  
Governo do Estado do Rio de Janeiro,  
Secretaria de Estado de Cultura e  
Economia Criativa do Rio de Janeiro,  
através da Lei Aldir Blanc,  
apresentam:

A close-up photograph of a woman's face, partially obscured by a complex geometric mosaic pattern. The mosaic consists of numerous small triangles in shades of orange, red, and brown. The woman's right eye is visible, looking upwards and to the right, with a single red tear on her cheek. Her face is covered in white, textured makeup, possibly representing a mask or a character's appearance. The overall mood is dramatic and artistic.

# A Peste

Opereta em ato único

Este espetáculo foi gravado no Teatro  
Popular Oscar Niemeyer em Niterói/RJ  
no dia 26 de março de 2021.

ELENCO:

A Peste (soprano): Manuelai Camargo  
Príncipe (tenor): Guilherme Moreira  
Narrador e Sultão (baixo): David Monteiro  
Flauta: Clarissa Bomfim  
Violoncelo: Paulo Santoro  
Violão: Cyro Delvizio

# LIBRETO

## ATO ÚNICO

### **Cena 01: A caminho de Damasco**

Narrador: Aqui viestes senhores para ouvir esta pequena fábula. Descontai a falta de engenho mas atenteis à dolorosa crônica. É a história de um príncipe que não avalia bem as tramas da vida da corte e de como isso resulta em tragédia para o seu povo... Estão prontos? A quinze léguas de Damasco, vemos o príncipe Abdul-Aziz em cima de seu cavalo. Ele acaba de resolver antiga intriga com a família Al Rashid de Riade. Entediado com a solitária e fastidiosa viagem, o jovem divaga...

### **(Ária da imaginária Glória)**

Abdul-Aziz:  
A cinco léguas de Damasco,  
Aqui estou neste dia,  
Carrego tesouro único  
O orgulho de guerra vencida!  
(Deixo atrás um inimigo derrotado...)

À frente alegrias vindouras  
E a cidade em polvorosa  
A receber-me com manto dourado  
de futuro sultão coroado!  
Ó dia glorioso! Ó dia de vitória!  
Os címbalos vão dobrar!  
O povo vai cantar!  
Os poetas versejar em minha honra!

Ó dia glorioso! Ó dia de vitória!  
Os homens vão beber!  
Sacerdotes vão rezar!  
As virgens vão comigo sonhar!  
(Tudo em minha honra!)

### **Diálogo I**

A Peste entoa um vocalise enquanto caminha. Ainda Abdul-Aziz (*falando consigo mesmo*): Uma velha moribunda na estrada me acompanha. Cantando uma macabra melodia. A passos tardos, lânguidos, caminha a pobrezinha. Rosto velado, cabeça pendida, andrajosa e miserável. E um nodoso bordão serve-lhe de amparo.

Estou curioso para desvendar a sina dessa pobre alma vulnerável.

Abdul-Aziz (*falando*): *-Salaam Aleikum!*  
(*opcional*).

Peste (falando): -*Alaikum As-Salaam* (opcional).

Abdul-Aziz: -Para onde vais, minha senhora?

Peste: -Vou para Damasco, meu jovem.

Abdul-Aziz: -Nesse andar chegará em cacos, daqui a mais de um século.

Peste: -Século ou milênio, o que importa? Chegarei e isto dou por certo.

Abdul-Aziz: -Como estou num bom dia, sinto-me magnânimo o bastante para adiantar sua chegada. Se quiser suba em meu cavalo e aceite desfrutar de minha bondade. Prometo-lhe ao menos deixá-la às portas de minha cidade dourada, sã e salva.

Narrador: Ele ajuda a esfarrapada caminheira a subir e os dois seguem viagem. Quase chegando ao portão de Damasco é hora da despedida...

Peste: -Meu senhor, que carona inesperada! Muito grata pela sua infinita bondade!

Abdul-Aziz: -Não seja por isto, mas antes que desça, me diga ao menos sua graça e qual sua finalidade...

Peste: -Lamento desapontá-lo, mas meu nome e minha missão só a mim competem, assim como minha idade, obviamente!

Abdul-Aziz: -Pois eu insisto em desvendar tal segredo!

## (Dueto da adivinhação)

Abdul-Aziz: Adoro um mistério,  
Não há um que não resolva,  
Meu codinome é Enigma,  
Adivinhação pra mim é sério.

Dedução é uma arte,  
Na qual minha mente é afiada,  
Matemática é minha arma,  
Filosofia meu batistério.

### REFRÃO:

Dá-me pedra,  
E te farei castelo.  
Dá-me dica,  
E teu segredo esfarelo.

Peste: Tu és jovem e deveras confiante,  
Mas nesta vida errante,  
Tenho mais experiência!

Tive chance de errar (erros crassos),  
Mas também de acertar,  
com mais frequência!

Fui criança há mais tempo,  
e não vejo muito entretenimento,  
em passar este momento,  
nesta inútil audiência!

Portanto posso até jogar,  
esse ingênuo jogo,  
Qual criança e seu João-bobo,  
Mas em três chances esgotará  
minha paciência!

## Diálogo II

Peste: -Está pronto...? Sou eu quem separa o joio do trigo.

Abdul-Aziz: -Mercadora ou dona de moinho?

Peste: -Não. Eu escolho dos homens o destino!

Abdul-Aziz: -Juíza, então eu afirmo.

Peste: -Não. Não. Sou irmã daquela que um dia todos vão beijar.

Abdul-Aziz: -Cortesã? Não creio...

Peste: -Não! Não! Não! Minha irmã-gêmea é a Morte, sou filha das Trevas e da Natureza. Eu sou a Peste! Meu caminhar é constante e meu beijo inebriante de puro fel.

Abdul-Aziz (*falando*): -*Bismillah* (Deus me ajude)! Quem te enviou aqui? Foram os inimigos do Sultão? Segue adiante coisa vil... Vá a Riade ter com os malditos Al Rashid.

Peste (*falando*): -Sinto, mas esta é a triste verdade. Os detalhes de minha tarefa continuam sigilosos, mas graças a sua bondosa caridade, ceifarei apenas um terço da população de sua amada cidade.

## (Ária da oferta)

Peste:

Tu foste bom comigo,  
Me ofertaste a mão,  
E agora que os fins se apartam,  
Só me resta pedir perdão.

Perdão pela minha incumbência,  
A qual cumpro e não discuto,  
Tampouco me orgulho,  
Em espalhar sofrimento e extinção.  
Mas se evitar não posso,  
resta só redimensionar,  
E a cada vida ceifada,  
Uma a menos vou ceifar.

Tu foste bom comigo,  
Lamento se pago mal o benefício:  
“Melhor cair das nuvens,  
Que do terceiro andar” (Machado de Assis).

## **Diálogo III**

Abdul-Aziz: -Não posso aceitar tal iniquidade!  
Sai depressa! Sai depressa! Antes que a única  
vida a ser ceifada seja a sua!

Peste: -Não tenho medo! Não tenho medo!  
Tome tento pois esta é a melhor oferta que  
te apresento.

Narrador: Abdul-Aziz de súbito vê-se transtornado... Transformado... Não se sabe se por ímpeto jovial ou por achar-se predestinado a tomar grandes decisões, ele derruba a velha do cavalo, a amarra, a põe em um saco e segue silente pelos túneis subterrâneos de Damasco. A descida é também aos recônditos de seu próprio ser.

### **Cena 02: Nas masmorras de Damasco**

Narrador: nas masmorras de Damasco Abdul-Aziz alterna entre inquirir e torturar a imobilizada velha. Esse estranho e sádico ritual pouco combina com sua privilegiada posição. Antes afeito a beleza e fruição, agora nega qualquer resquício de razão.

Abdul-Aziz: -Aqui vou garantir que você fique isolada, filha do cão! E que fale, nem que seja pela dor! (ele a atinge com uma adaga) Quem te enviou aqui? (*repete o gesto violento*) Quem te enviou aqui? Fale!

### **(Ária da dor)**

Peste: Falar ou não, não mais importa,  
Verbo não estanca sangue a correr.  
Palavra dita não volta pra boca,  
Dente caído jamais vai morder.

Só antes da guerra, o verbo tem hora,  
A paz não retorna bastando dizer.  
Qual faca afiada, a sílaba alada,  
Faz a cada palavra o ouvido sangrar.  
Quer tinta mais adequada,  
Pro livro de sangue que vamos lavar?

Que enxágue mais belo,  
ver contrato firmado,  
E o mundo pálido, papel-passado,  
Vermelho-rubro-marmelo pintar?

Da minha incumbência, tomaste ciência,  
Sem nenhuma decência em dialogar,  
Se o mercador em barganha é fluência,  
Pechincha ao cliente é pura consequência,  
Mesmo que sejam mortes a negociar,  
E sem contrato acordado, do pacto  
aclamado,  
a nula vigência está a expirar.

Pois queres que eu diga, então vais ouvir,  
A besteira que fizeste, ao tentar me impedir.

Em meu sangue que corre,  
A mensagem da Morte,  
Cada rato é consorte de minha podridão,  
E levará aos lares, com ou sem sorte,  
E cobertos de chagas todos definharão.

Falar ou não, não mais importa,  
Verbo não estanca sangue a correr.  
Mas correm os ratos, meus mensageiros,  
E entregam minha palavra,  
De pronto, ligeiro, a cada cidadão,  
Que no fim deste dia habitará, por certo,  
A sarjeta ou seu próprio caixão...

### **Diálogo IV**

Abdul-Aziz: -Não posso crer que me enganaste mais uma vez, feiticeira dos sentidos! Tenho que avisar a toda a gente. Mas primeiro vou ver meu pai. O Sultão há de ter uma sábia saída para esta crise. Seu plano não irá perseverar!

Narrador: O desesperado jovem segue direto ao palácio ter com seu pai, o Sultão Abdul-Rahman bin Faisal, o Severo. É hora de contar a verdade e imagina ter a aprovação paterna. O resultado porém é bem o contrário...

### **Cena 03: No palácio de Damasco**

#### **Diálogo V**

Sultão: -Entre meu primogênito! Eu bem te aguardava!

Abdul-Aziz: -Trago boas e más notícias meu Sultão.

Sultão: -Por acaso foi malfadada a visita a Riade?

Abdul-Aziz: -Não, esta foi um sucesso. O problema ocorreu no retorno. Me apiedei de uma velha senhora e a escoltei até aqui.

Sultão (rindo): -E que problema pode trazer uma velha senhora?

Abdul-Aziz: -Quando quase chegávamos a nossa gloriosa Cidade dos Jasmins, ela revelou ser a Peste. Tentei interceder a nosso favor, mas ela afirmou que ceifaria um terço da população, uma inaceitável proposta. A prendi nas masmorras a fim de revelar sua terrível agenda. Não sei quem a enviou, mas disse que os ratos são seus criados e se encarregarão de espalhar a cancerosa mazela à população.

Sultão: -Guiaste a Peste até Damasco? A prendeste no coração da cidade? Eu não poderia escutar tolice maior na vida!

### **(Ária da primeira lição)**

Meu filho querido,  
Vou te ensinar uma lição:  
A ninguém dê confiança,  
Nunca aos outros,  
estenda a mão.

Fale somente o necessário,  
Melhor temer ser otário,  
A passar-se por paspalhão.

És muito jovem, eu bem sei,  
já passa do horário,  
deve seguir o itinerário,  
que te ordenou o Sultão!  
E se lhe falta razão ou inteligência,  
Tenha um pouco de decência,  
E o faça pelo simples medo de perder a mão.

Eu te enviei a Riade,  
Lá encontraste teus confrades,  
E tornaste diplomática missão,  
Em campanha de dominação?

Pois agora todos sabem,  
Que o sangue do meu sangue,  
Me apunhala acordado,  
Trazendo a Peste ao meu portão.

Cantando glórias vindouras,  
De ser futuro Sultão coroado,  
Agora vai ser condenado,  
E seu palácio,  
Será as masmorras,  
E sua coroa será o grilhão!

## Diálogo VI

Sultão: -Prendam este ser!

Abdul-Aziz: -Leva-me, mas ao menos avisa a população para que se prepare!

Sultão: -Se prepararem contra o quê? Uma Peste imaginária que criaste para me derrubar? E se de fato existisse, nenhuma 'pestezinha' derrubaria a mim e a Damasco! Somos mais fortes que isso! E juntos somos mais fortes!

Abdul-Aziz: -O povo tem que se isolar na segurança de seus lares e esperar o mal passar!

Sultão: -O povo tem que trabalhar! Damasco não pode parar!

Narrador: de pronto os guardas atendem a mais recente ordem de comando. O príncipe em vão tenta lutar mas é rapidamente golpeado.

## CORTE

### **Cena 04: De volta às masmorras de Damasco**

Narrador: o ingênuo Príncipe acorda amarrado. Um misto de pus, urina e fezes no ar. A fina seda não mais recobre sua pele delicada. No lugar, andrajos o vestem e emanam o cheiro pútrido que está a sentir. Ao

levantar a cabeça, uma surpresa: a perversa Peste está ao seu lado, a sorrir. Ela olha por uma fresta e contabiliza o resultado de sua macabra festa...

## **Diálogo VII**

Peste: -Já morreu dois terços da população de Damasco. Posso ver minha irmã levando suas almas.

Abdul-Aziz: -E porque fizeste isso, velha ardilosa?

Peste: -Pobre tolo! Eu cumpri com minha palavra. Levei um terço da população de Damasco, conforme prometido. O resto morreu pela inabilidade tua e de teu pai! Tu ao me torturar e potencializar minha virulência e teu pai ao esconder a verdade do povo...

## **(Ária da última lição)**

Peste: Do contrato não firmado,  
Chega finalmente o ocaso!  
Qual filho não parido,  
Disforme embrião abortado,  
Seu destino foi não ser,  
Mas jamais será esquecido ou perdoado!

Sedento em ver-se futuro Sultão coroado,  
Se cegaste ao redor e do luxo inebriado,  
e aos demais descuidado,  
Confundiste bondade com favor.

E neste triste desatino,  
Esteve alheio que o engenho da Peste,  
Era apenas um teste,  
Que faria seu povo melhor.

Assim lapidaríamos as almas restantes,  
Antes anômicas e selvagens,  
Destruidoras de florestas e pastagens,  
Que em sua pseudo-civilidade,  
Semeavam a natura em dor.  
Finalmente testemunhariam a verdade,  
Em comunhão e urbanidade,  
Fazendo da terra um paraíso,  
das chagas formosa flor.

Eu sei, eu sei! É difícil perceber,  
Mas há vantagens em lidar com a Peste:  
Se falhas no teste algo vais aprender,  
Apodrecendo acordado,  
Mas finalmente desperto para assistir,  
Seu curto resto de vida esvanecer.

Padecendo da mesma sina,  
Dos que julgava inferiores,  
Sujeito ao frio e a fome,

Qual aqueles pobres homens,  
Finalmente terás tempo hábil para digerir,  
O mistério que no luxo ignoraste,  
e que somente na morte vais redimir.

Há somente uma doença,  
Mais mortal que a Peste,  
Contumaz e agreste e comum à nobreza:  
É pensar em si antes dos outros,  
É sentir-se maior que os demais,  
Mais virtuoso e audaz,  
E ignorar a enorme doença silente e voraz,  
Que devora aos poucos suas entranhas,  
E o torna do amor incapaz.

Narrador: num rápido e único movimento a  
velha se solta das correntes que a prendem.  
Entoando seu macabro vocalise ela está  
pronta para seguir viagem à próxima cidade.

**FIM**

## FICHA TÉCNICA

Concepção, Libreto e Música: Cyro Delvizio

Direção artística e musical: Cyro Delvizio

Direção geral e de arte: Joana Lebreiro  
e Brunna Napoleão

Figurinista e cenógrafa: Marieta Spada

Iluminação: Ana Luzia De Simoni

Operador de Luz: Cris Ferreira

Técnico de montagem e desmontagem de Luz:  
Cris Ferreira

Operador de som: Gugu (Pró Áudio)

Cenotécnico: André Salles

Cantores: Manuelai Camargo (soprano) Como a  
Peste, Guilherme Moreira (tenor) como Príncipe e  
David Monteiro (baixo) como Sultão e Narrador.

Músicos: Cyro Delvizio (violão), Paulo Santoro  
(violoncelo) e Clarissa Bomfim (flauta)

Produção executiva: Cíntia Pereira

Assessoria de imprensa: Cezzane Comunicação

Social media: Taís Pereira

Design gráfico: Thomas Benz (Kraft Design)

Filmagem e edição: Capuzzo Produções

Fotógrafo: Guarim de Lorena

 /operetaapeste

 @operetaapeste

PRODUÇÃO

 CÍNTIA PEREIRA  
PRODUÇÃO & CULTURA

APOIO



PREFEITURA  
DE NITERÓI

cultura  
niterói



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO

Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO DE JANEIRO**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**

MINISTÉRIO DO  
**TURISMO**



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL